



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

COMO A RAPOSA se VINGOU

CONTINUAÇÃO DA HISTORIA: — O LOBO e a RAPOSA

■ ■ POR LEONOR DE CAMPOS ■ ■

O RA a Raposa, assim que se apanhou melhor, começou a pensar na sua vingança... E tanto pensou... que conseguiu encontrar...

Uma noite estava mestre Lobo sentado à porta do seu covil, quando veio ter com ele a Raposa.

— «Compadre!... Queres comer, do bom e do melhor?»

— «Isso nem se pergunta!» — respondeu logo o Lobo, os olhos a luzir e os dentes arreganhados.

— «Pois bem!... Descobri uma enormíssima

e bem fornecida capoeira, onde poderemos comer à vontade, sem grande trabalho...»

— «Na quinta não é, com certeza. Depois do meu último assalto puzeram à porta da capoeira a guardá-la, dois formidáveis mastins, com umas coleiras guarnecidas de picos de ferro!... Estive lá noutro dia... e vi-me aflito para escapar com vida!...»

O Lobo deu um salto:

— «Hein? Que dizes? No quintal do Juiz? Estás maluca!... Então eu ia lá meter-me com a justiça!... Nada!...»

Para aí não me levas tu!...»

— «Decididamente, compadre Lobo, és um cobarde!...»

— «Não!... Sou prudente!...»

— «Prudente?!... Ah!... Ah!... Cobarde, e poltrão!...»

— «Comadre!... Tu não me insultes!...»

Bem sabes que nunca tive medo!...»

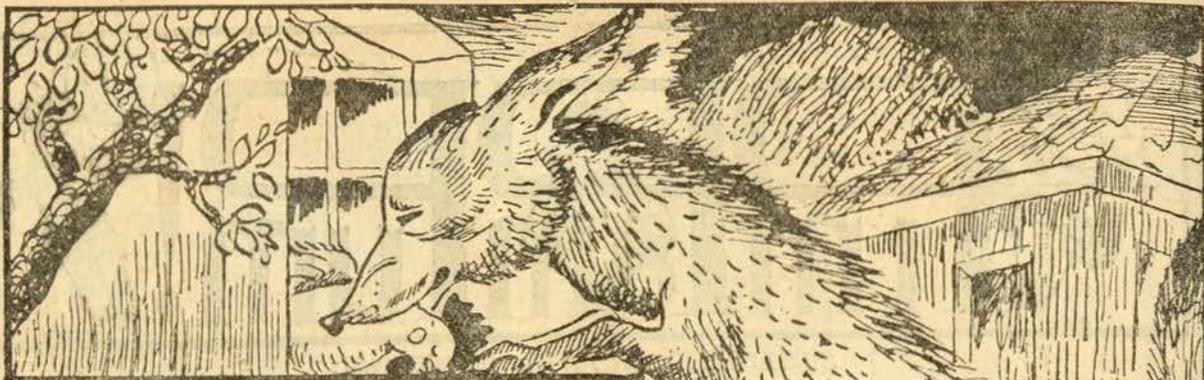
— «Mas tens agora!...»

— «Não tenho!... E para te provar, aceito o teu convite!... Vamos lá ao quintal do Juiz!...»

E o Lobo, muito enervado, desatou a correr à frente da Raposa, em direcção ao quintal do Juiz.

A Raposa, atrás, ria à socapa, a pensar na boa partida que ia fazer ao compadre.





Apenas chegaram, dirigiram-se à capoeira, mas qual não foi o espanto de mestre Lobo, quando, depois de ter empurrado a porta, primeiro com certa delicadeza, depois com tôda a sua força, não conseguiu sequer entreabri-la. A Raposa, um pouco afastada, ria disfarçadamente dos esforços do Lobo...

— «Então, compadre? Isso vai ou não vai?»

O Lobo suava por todos os póros.

— «Impossível!... Ou a fechadura é de aço puro ou eu estou muito fracasola!...»

— «Pois bem, compadre! Agora, que já fizeste um pouco de exercício — olha que isso é muito bom para a saúde! — vou ensinar-te a maneira de entrares lá dentro, sem te cansares... Vês aquela janelita? Dá directamente para a capoeira. É só um saltinho... e pronto!...»

— «Então tu deixas-me estar para aqui a fazer forças, a puxar, a suar êste tempo todo, e só agora me dizes isso?»

— «Foi por bem, compadre — respondeu a hipócrita — Os teus músculos estavam a enferrujar, precisavas de ginástica!...»

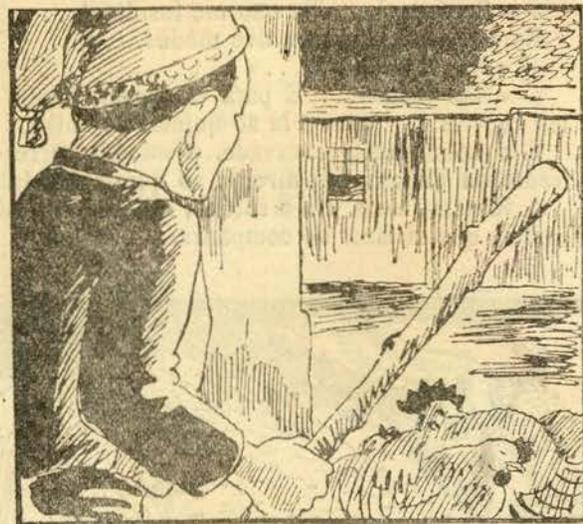
— «Bom, bom!... Não se fala mais nisso. Vamos, então, buscar os galináceos...»

E o Lobo dirigiu-se à janelita e espreitou.

— «Oh comadre — exclamou êle — saltar para lá não custa... mas voltar?»

Isto ainda é bastante fundo!...»

— «Podes ir descansado, compadre. Eu depois ajudo-te a trepar. Fico aqui fóra.»



Tu vais-me passando as galinhas. E, depois, quando quizeres sair, debruço-me da janela, estendo-te as minhas patas dianteiras e puxo por ti...»

— «Combinado!...»

E o pateta do Lobo, meteu-se pela janela, formou o salto e caiu dentro da capoeira.

Apenas se apanhou lá, foi uma razia.

Desatou a matar galinhas, patos, perús e coelhos, sem consideração por qualquer dos bichos. Apenas escapou um coelhito branco, muito encolhidinho na sua coelheira de barro.

Mestre Lobo, à medida que ia dando cabo da bicharada, passava-a pela janela à comadre Raposa. Por fim, depois de lhe ter entregado tudo, exclamou:

— «Pronto, comadre. Agora estende-me as patas para me ajudares a subir...»

— «Ih! Ih! Ih!... — riu a Raposa, muito velhaca. — Tu não estás bonzinho da cabeça!...»

Então eu, que sou tão tua amiga, consentia lá em que comesses tudo isto?!... Nunca!...

Podias apanhar uma indigestão e morreres!... Nada!... Nada!»

— «Comadre!... Tem dó de mim!... Dar-te-ei metade do que me pertence!» — gritou o Lobo.

Mas a Raposa, sem lhe responder, desatou a correr com alguns galináceos na bôca, resolvida a ir escondê-los em sua casa e a voltar, depois, para levar os outros.

Mas... todas as más acções são castigadas. E a da Raposa também foi... Como?

É que o Lobo não cessava de gritar. E berraria foi ela, que acordou o senhor Juiz.

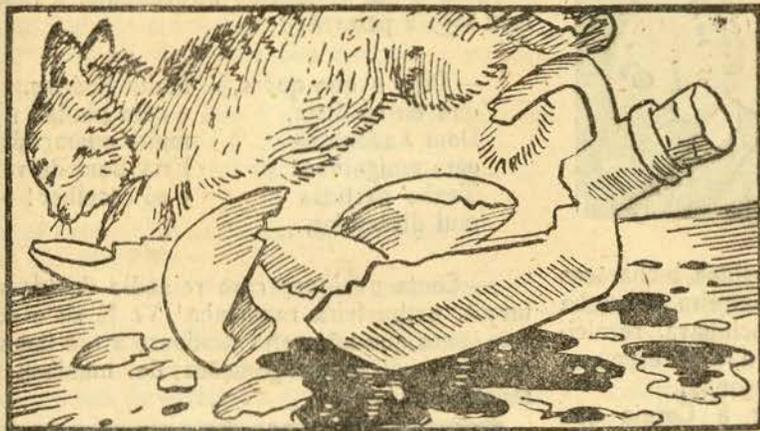
Êste chamou um criado e os dois, armados de varapaus, desceram ao quintal. Sentindo barulho na capoeira, para lá se dirigiram.

O criado meteu a chave na porta e abriu-a de repente. O Lobo, ligeiro como um relâmpago, trrr... enfiou por entre as pernas do criado e num instante desapareceu ao longe.

(Continua na página 7)

A BILHA DE BARRO

POR LAURA CHAVES



Em que o seu braço, então firme,
se apoiava na cintura,
sem pensar: «Lá vão partir-me»
cheio de desenvoltura.

Quando ela levava as lampas
às bilhas doutras janelas
e a sua tampa, entre as tampas,
era bela entre as mais belas.

E os seus frescos gorgolejos
da sua bôca em rubor,
sabiam melhor que beijos
pelas noites de calor.

A QUELA bilha bojuda,
de barro, já a esboroar,
era uma velha pañuda,
fartinha de trabalhar.

Em que o trapo que hoje a enrola
tinha graça, tinha tom...
Lhe dava um ar de espanhola
envolvida em seu manton!

A mocidade é rainha,
nela tudo esplende, brilha!
Ai que saudades que tinha
do tempo em que ela era bilha!

No seu tempo fôra linda,
rosada, bem torneada...
Como recordava ainda
a mocidade passada!

Quando a água partilhava
num sorriso, sem usura,
e alegremente cantava,
gorgolejando frescura.

Mas que diferença, agora!
O seu barro estava fraco,
comparada ao que já fôra,
era um verdadeiro caco!



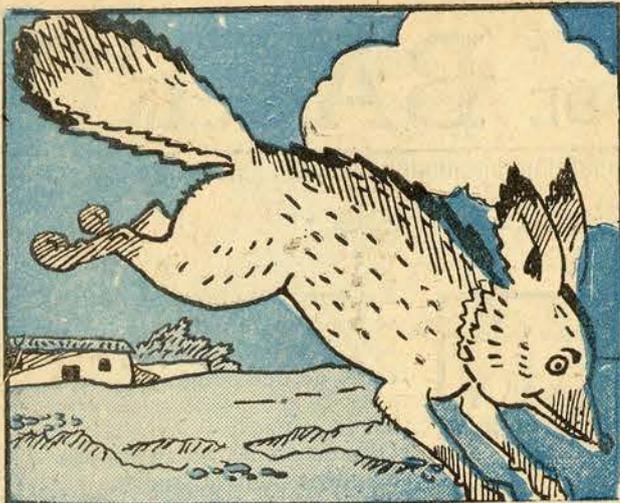
Cheia de sarro, doente,
pensava ao vêr-se sem viço:
Será por dó que esta gente
me conserva ao seu serviço?

Inda me envolvem nuns trapos
sem sentirem que é u... acinte!
Debaixo d'esses farrapos
pareço um pobre pedinte!

Um só bocado ficou
da minha tampa partida,
a asa há muito voou!
Hoje isto já não é vida!

(CONTINUA NA 6.ª PÁGINA)





A RAPOSINHA MATREIRA

Por ANAO SÁBICHÃO

DESENHOS DE A. CASTANÊ

Com o seu conhecido atrevimento, a raposinha tomou logo a palavra:

— Diga o que quere, que eu vá dizer, Dom Anãozinho caro amiguinho! Tenho partidas mui divertidas, muito finórias, e com piadas, muito engraçadas! Está bem de vêr, é só escolher! —

— Conta qualquer caso reinadio da tua vida aventureusa, embusteira raposinha! Vê lá se o contas com arte, para que não sofra desdouro a tua fama de bicho que tem divertido gerações de meninos, por esse mundo fóra! —



UM dos mais inquietos e atrevidos bicharôcos da bicha dos bichos, era a matreira raposinha que regougava, farejava, focinhava, recalci-trava, se rolava, se estirava e se espojava, com sua ronha, tão sem vergonha.

Resolvi, portanto, dizer à Coruja que assim piasse:

— Raposinha, raposinha, vem depressa, depressinha, contar alguma façanha, daquelas que a tua manha inventa, com muito engenho, porque o Anão tem empenho, de te vêr já desandar! Está farto de te aturar! —

— Então, aí vai uma partidinha, cá da minha lavra, amigo Anão. Depois me dirá se os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» riram ou não, com o meu engenho e manha!

Porque, lá, lume no olho tenho eu! —

— Adiante! Adiante! Isso é já do conhecimento de tôda a gente. Vamos, mas é à tua história. —

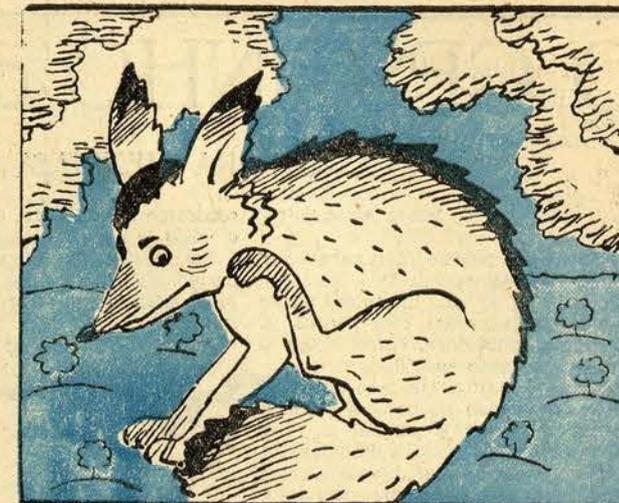
— Estou habituada a satisfazer todos os meus caprichos. . . —

— Ora aí vens tu desmoralisar os meninos! —

— Mas é a verdade! —

— E qual era, então, o tal capricho, embusteira raposinha? —

— Filar um dos cordeirinhos do rebanho da herdade. Depois de dar mil voltas ao miôlo, pesando os prós e os contras do arriscado empreendimento, pus-



me à espreita e, mal vi o portão da herdade aberto, esgueirei-me por ali dentro.

Tive sorte, porque ninguém deu por mim e assim me introduzi no curral.

Encolhida no canto mais escuro, esperei, ansiosa, tôdo o dia, que o rebanho recolhesse.

À tardinha, êle entrou num torvelinho.

Com as orêlhas a tremem-me de comoção, as minhas patas caíram sôbre um dos cordeirinhos.

Mas a mãe ovelha barrelou, aflita, e o cão que me farejou a presença, avançou, num latido de guerra.

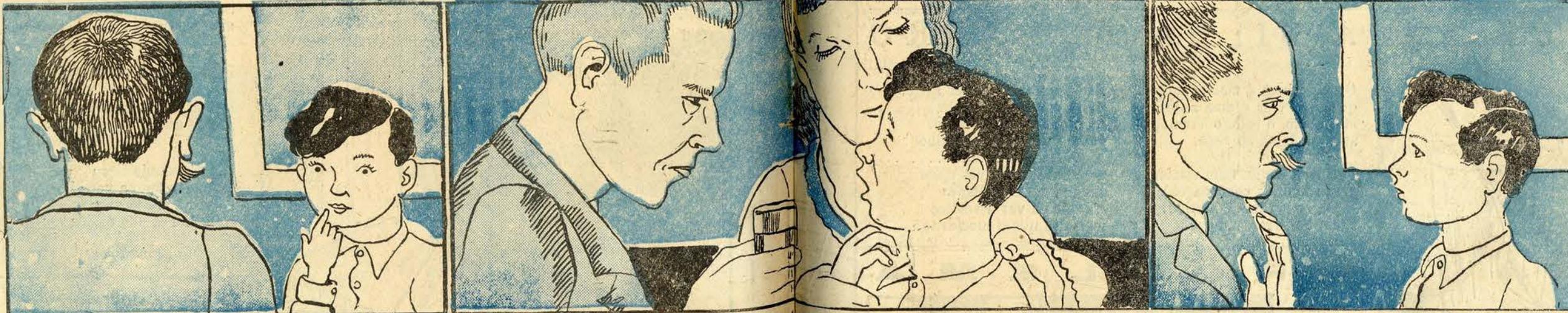
Achei, então, mais prudente sair dali para fóra, largando a prêsa. . .

— E' a isso que tu chamas uma façanha! Dize antes que foi um plano!

Nem tôdas as proezas nos saem às mil maravilhas!

(Continua na página 7)

A RESPOSTA EXACTA



I — Mestre-escola «Lé Tremoços» explica ao pequeno Rui que o corpo humano possui duzentos e sete ossos.

II — Mas, ao almoço, o Ruizinho, no dia seguinte, em casa, pôs-se a comer uma àsa dum excelente franguinho.

III — Porém, a meio do almoço, tal era a sofruidão, achou-se, numo alhão, engasgado com um ósso.

VI — Vendo-o já ao pé de si, pergunta-lhe o professor: — «Dize-me, ó Rui, por favor, quantos ósoss há em ti?»

V — «Duzentos e oito». — (o moço logo ao velho respondeu) — «Como assim?! — «O' mestre, é que eu engoli um ao almoço!»

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Maria Manuela :

Querias um modelo fácil para fazer a touquinha da boneca?

Po's, então, aí tens um molde muito simples e guarnecido com pontos já muito teus conhecidos, como sejam o recorte e o ponto cadeia.

Espero, portanto, que não encontrarás dificuldade no bordado e vou ensinar-te a armar a touquinha.

Primeiro, com o auxílio dum papel químico, passas o desenho sobre *organdi*, mas, vê lá, não carregues demais para o risco não ficar muito grôcco.

Depois, fazes o bordadinho que, tanto pode ser com linha branca, como de cór. Uma vez pronto o bordado, unes os pontos A com A e alinhavas pelo sítio indicado; depois unes B com B e alinhavas, também

conforme a indicação, obtendo, assim, o feitio de uma linda touca.

Em seguida, com um pesponto muito perfeitoinho, cóses essas duas costuras. Mas, antes disso, tens uma coisa a fazer.

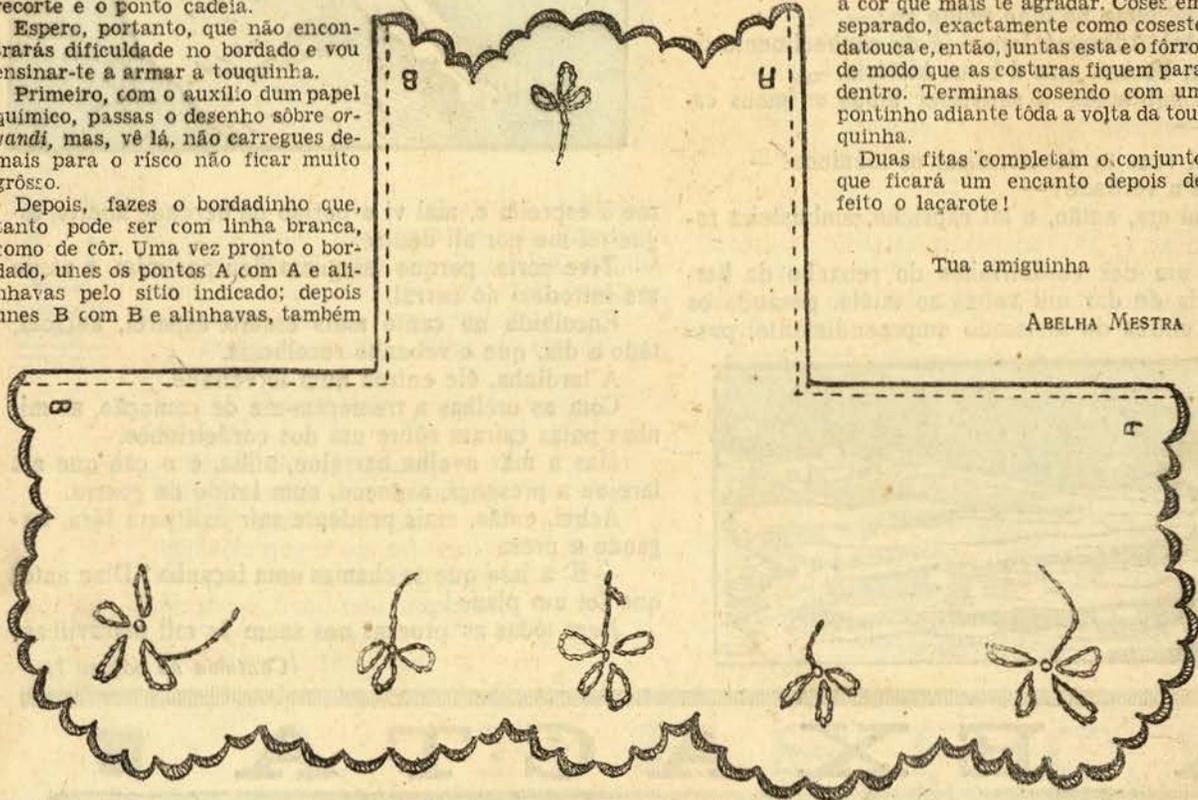
Antes de unires os lados, isto é,

enquanto a touca ainda está aberta, vais cortar um fórrô do tamanho igual ao modelo e, para isso, nada mais precisas do que assentar sobre êle, o *organdi* e cortar igual. Esse fórrô pôde ser dum bocadinho de seda, setineta ou qualquer tecido semelhante, a cór que mais te agradar. Coses em separado, exactamente como coseste datouca e, então, juntas esta e o fórrô, de modo que as costuras fiquem para dentro. Terminas cosendo com um pontinho adiante tóda a volta da touquinha.

Duas fitas completam o conjunto que ficará um encanto depois de feito o laçarote!

Tua amiguinha

ABELHA MESTRA



A DIVINHA A BILHA DE BARRO

(Continuação da página 3)



Meus meninos: Vejam se descobrem a pessoa que ha-de beber esta carapinhada,

O que é bom é morrer moço quando a vida é uma ilusão! Mas, nisto, o gato, o Tremoço, atirou a bilha ao chão.

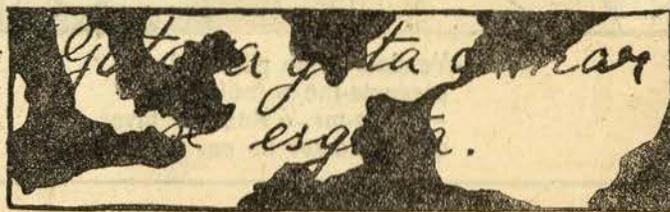
Que inda ouviu, num alarido, uma voz dizer com mágoa: — Que pena ter-se partido! Fazia tão fresca a água!

Não me importava ter sarro, esta bilha era um amor! As novas sabem a barro, quanto mais velhas melhor!

A moral do que vos disse assenta nesta verdade: <ser muita vez a velhice mais útil que a mocidade.>

P R O B L E M A

Meus meninos: Vejam se conseguem decifrar estes dizeres que a tinta, em parte, tapou.



CONCURSOS CHARADÍSTICOS

SECÇÃO RECREATIVA

N.º 15 — I Concurso (Suplementar)

Nota: — Toda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a Américo Taborda (Rei do Sêbo) — Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 43 — LISBOA.

Decifrações do n.º 10

1 — VERDE-GAIO; 2 — Cabelo; 3 — BÍSCA.

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 1 — LUCAS, 7 votos
N.º 3 — MARIA DO AR, 7 »

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 2, de «Ramon Novarro», 6.

Decifradores

QUADRO DE HONRA

Alfredo Matos, Anjocarfer, António Freire, Artur Melo Cabral, Arievílo, Barba-Azul, Beu, Chalet d'Ossos, Dália de Jesus, Dois Manços, Fernando B. Cunha, Fernandes, Lilicas, Lucas, Noémia, Um decifrador, Zarb, Zé Bomba, Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zeuzinho.

Decifraram 3 — Totalidade

QUADRO DE MÉRITO

António C. Abreu, Romualdo Teles Santos 2

CORREIO

Zé Bomba. — Pode, sim senhor! Todos os concorrentes têm a faculdade de produzir e decifrar ao mesmo tempo. Claro é que, nestas condições, estes se encontram no mesmo grau de consideração, visto até termos adoptado a ordem alfabética na publicação dos trabalhos.

Como a raposa se vingou (Continuação da página 2)

O Juiz, ao vêr a capoeira vazia ficou desolado. Lembrou-se logo da janelinha. Veio cá fóra e vendo a criação que a Raposa deixara ficar, disse ao criado:

— «João: ficas aqui de guarda, escondido atrás do muro. É provável que os companheiros do Lôbo que estava na capoeira, voltem a buscar o resto... E se assim fôr... atira-lhes a matar!... »

O João obedeceu. E pouco depois, quando apareceu a Raposa apanhou tamanha paulada no lom-

bo, que ficou pelada naquele sítio, para tôda a sua vida...

E ainda lhe sucedeu outro precalço: Quando dorida e ensanguentada se dirigia para casa, avistou de longe, à sua porta, mestre Lôbo, com focinho de poucos amigos.

De maneira que, cheia de medo, resolveu partir para outras terras... E, com o rabinho entre as pernas, a Raposa ia chorando e soluçando:

Quem faz mal,
espere outro tal!...

A RAPOSINHA MATREIRA — (Continuado da página 5)

Mas, ouve o final da história, depois falarás! Num alarido, fui seguida pelos moços da lavoura, pelo pastor, pelo cão e assim corri mataçais e penhascos.

Já era noite, quando me perderam o rasto.

Em que triste situação eu me encontrava!...

Com a barriga vazia, ainda por cima, era comida pelas danadas das pulgas que apanhara no curral!

Dentada aqui, dentada acolá, num desespero, rebolava-me pelo chão, sem poder, ao menos, dormir, para enganar a fome que me minava e o desgosto pelo fiasco que me sucedera!

Aquilo dava nas vistas!

Já o escarninho dum melro assobiava, ao ver-me em tal desatino:

— Isso será tinha
Dona Raposinha?
Porque se rebola,
tal qual uma bola?

E, malicioso, o cochicho cantarolava:

— E' um pulguêdo daninho
que lhe enche todo o corpinho!
Foi em cata do rebanho,
para lhe roubar um anho
e, lá dentro do curral,
vai, apanhou êsse mal!

Calculem como eu estava encarniçada, com os comentários da passarada atrevida!

Tinha que me livrar da praga maldita das pulgas que tanto me enfurecia e assim me tornava ridícula.

Olhei, em volta, pensativa.

Nisto, ao ver um rio que além corria, claro e espelento, uma idéa repentina me passou pela cabeça.

Procurei nas margens um arbusto, bem alto e ramalhudo.

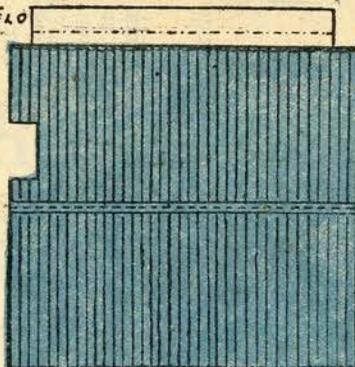
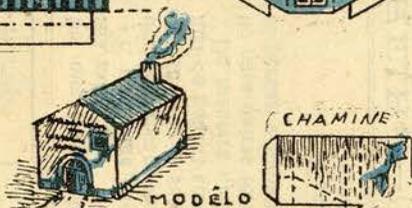
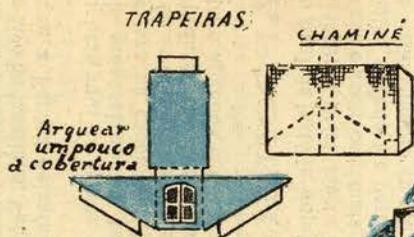
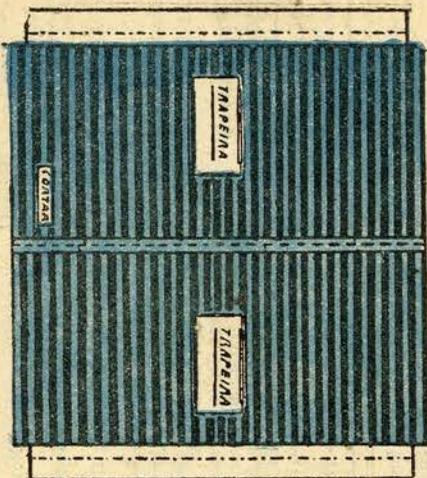
Com êle preso nos dentes, meti-me pela água dentro.

O pulguêdo furioso, por se sentir molhado, foi procurando a parte ainda enxuta do corpo. Assim, quanto mais eu mergulhava na água, mais as pulgas, fugindo ao molhado, subiam por mim acima. Por fim, o meu corpo já estava todo dentro do rio. As pulgas passaram, então, para o ramo que eu conservava na bôca, único sítio que estava sêco. De verde que era, o arbusto ficou negro de bicharia. Num movimento rápido e seguro, atirei com êle para bem longe. Juntamente com o ramo, as pulgas afundaram-se no rio! Que dizes a esta idéa portentosa? Nem tu mesmo, Anãozinho, a-pesar-de tôda a tua esperteza e manha, serias talvez capaz de engendrar partida mais ardilosa!

Assim disse a impostora raposinha matreira, regougando satisfeita, com sua rônha, tão sem vergonha!

20.ª Folha:

OFICINA DE INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS



ATENÇÃO!

É ESTA A ÚLTIMA FOLHA DO

GRANDE CONCURSO

«UMA VILA COMPLETA»

A. J. Cordeiro - 535